

Marginais e subalternos: as vozes da periferia de São Paulo na cena literária*

Larissa da Silva Lisboa Souza**
Jorge Vicente Valentim***

Resumo

No contexto específico da chamada *Literatura Marginal*, inscrevem-se autores inseridos em espaços periféricos, criadores de personagens subalternos, enquanto retrato das condições dos que vivem à margem dos centros urbanos, a exemplo da cidade de São Paulo e suas intermediações. No presente artigo, analisaremos o conto “O aluno que só queria cabular uma aula” do escritor paulista Sacolinha, discorrendo sobre as vozes marginais que ecoam suas subalternidades, a partir de dois lugares de conflito: o público (escola) e o privado (casa). Para tanto, estudos como os de Gayatri Spivak podem auxiliar para uma leitura mais direcionada sobre esses sujeitos, refletindo não apenas as vozes que ecoam nos textos marginais, mas também suas lutas e conquistas.

Palavras-chave

Literatura Marginal; subalternidade; periferia; São Paulo

Abstract

In the specific context of the Marginal Literature, some authors are inserted in peripheral spaces, creators of subaltern characters as picture of the conditions of living on the margins of urban centers, such as the city of São Paulo and their intermediate. In this article, we focus on the story "O aluno que só queria cabular uma aula", by Sacolinha, a writer from São Paulo, discussing the marginal voices that echo their subalternities from two places of conflict: the public (school) and the private (home). In our reading, studies like the Gayatri Spivak can help for a more targeted reading about these subjects, reflecting not only the voices that echo in marginal texts, but also their struggles and achievements.

Keywords

Marginal literature; subalternity; periphery; São Paulo

* Artigo recebido em 20/09/2015 e aprovado em 20/11/2014.

** Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais (NEAB/UFSCar). Atualmente é aluna de mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da UFSCar.

*** Professor Associado de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da UFSCar. Vice-Coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP/Araraquara.

Verás que um filho teu não foge à luta
Hino Nacional Brasileiro

Quem disse que cultura não pesa?
Sacolinha

Resistir e criar

Muito do que foi produzido no cenário literário brasileiro do final do século XIX e início do XX estava ligado às questões sociais do país. No cenário canônico, não há como não nos referirmos a Machado de Assis e seu olhar realista sobre a sociedade carioca, colocando em cena suas contradições e conflitos. Ou mesmo a excentricidade de Lima Barreto, que contribuiu de forma significativa com textos sobre as diferentes camadas sociais e seus problemas, a loucura e a dificuldade da sociedade de entendê-las, ou mesmo a questão de raça.

Ao longo do século XX, com o contexto político cada vez mais conflituoso, a repressão e o autoritarismo eram recorrentes, sufocando as veias criadoras. Os problemas de classe mais emergentes, além dos empecilhos sociais e econômicos, não deixaram de mostrar o reflexo tanto da situação interna brasileira como do cenário internacional. Basta, neste sentido, evocar as décadas de 1960 a 1980, verdadeiros palcos de um dos eventos mais trágicos da história do Brasil: a Ditadura Militar.

No cenário literário, entretanto, a produção poética criou suas estratégias de resistência dentro deste período. Segundo Heloisa Buarque de Hollanda,

O que hoje é conhecido como poesia marginal pode ser definido como um acontecimento cultural que, por volta de 1972-1973, teve um impacto significativo no ambiente de medo e no vazio cultural, promovidos pela censura e pela violência da repressão militar que dominava o país naquela época, conseguindo reunir, em torno da poesia, um grande público jovem, até então ligado mais à música, ao cinema, shows e *cartoons*. (BUARQUE DE HOLLANDA¹).

O *viver poeticamente* da poesia marginal refletiu-se não apenas nas produções poéticas e suas estéticas, mas também nas formas como essas literaturas eram divulgadas. Muitos escritores surgiram a partir de um cenário independente, que era uma das formas de resistir aos grandes mercados editoriais, já que estes passavam pelo crivo da censura do Regime Militar, divulgando, assim, seus trabalhos de forma independente.

¹ O excerto foi extraído do texto “Poesia marginal”, sem data específica, publicado no blog da autora. Link: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-poesia-marginal/> Acesso em: 14/09/2014.

Sejam em Zines, folhetos, livretos ou revistas, a poesia marginal também frequentava novos espaços de circulação, como a rua, no diálogo entre a livre circulação de pessoas e a arte engajada. Enfim, novas estratégias que surgiram para que a literatura pudesse ser propagada e as repressões às liberdades de expressão fossem interrogadas e quebradas.

Com o fim da ditadura e os processos democráticos que se iniciavam, na década de 1980, as desigualdades sociais passaram a fazer parte das discussões que giravam em torno da igualdade de direitos e dos projetos de cidadania. Constituindo-se um país de milhões de habitantes, com expansão continental, o Brasil viu-se num contexto de enormes diferenças sociais, com o acesso aos bens básicos ainda restrito a poucos privilegiados.

Nas grandes cidades, a desigualdade social era, e ainda é, mais nítida. A própria geografia das metrópoles sugere suas diferenças. Regiões centrais em abandono, mas, ainda sim, importantes, espaços elitizados, blindados por seus muros, e regiões do entorno, conhecidas como periferias².

Neste contexto de desigualdades, frente às novas discussões democráticas, os espaços periféricos comportam grande número de habitantes. São eles sujeitos que não têm acesso a quase nada que faça parte do projeto de desenvolvimento do país, mas que, contraditoriamente, são mãos de obra para esse projeto. O morador da periferia tem uma luta diária entre dois mundos, vivendo em seu ambiente sem acessibilidade, ao mesmo tempo em que contribui para o crescimento e desenvolvimento de outros espaços, não se beneficiando diretamente disso. São conflitos, portanto, que passam a fazer parte do cenário literário brasileiro.

As vozes da periferia de São Paulo

A cidade de São Paulo sempre foi palco de eventos culturais efervescentes. Na virada para o século XXI, surgiram movimentos específicos com autores e artistas e suas obras literárias, discutindo questões que envolvem a desigualdade social e seus conflitos. Ou

² É notório que há diferenças entre as cidades, porém a exposição aqui é mais genérica. Temos o caso do Rio de Janeiro, por exemplo, em que sua geografia sugere uma periferia homogênea aos centros urbanos, além das regiões periféricas do entorno. Ver: ALMEIDA ABREU, 2013.

seja, começam a aparecer, nesta nova cena, escritores que fazem parte destes problemas.³

Para Heloísa Buarque de Hollanda, essas novas expressões artísticas, chamadas de *Literatura Marginal*, além de uma grande novidade – porque, agora, eles são os sujeitos das periferias, agentes produtores de uma arte engajada –, constituem um movimento literário com o desejo de responder ao acirramento dos problemas raciais e o acesso ao mundo do trabalho, pelos quadros econômicos e culturais globalizados (BUARQUE DE HOLLANDA⁴).

Por outro lado, o ensaísta português Arnaldo Saraiva, ao propor uma conceituação da expressão, discute a amplitude da designação, sublinhando que a mesma comporta uma série de outras terminologias, tais como:

“paraliteratura”, “subliteratura”, “infraliteratura”, “literatura popular”, “literatura oral”, “literatura de cordel”, “contraliteratura”, “antiliteratura”, “literatura underground”, e até “literatura de vanguarda”. O que define tais expressões ou designações é a oposição explícita ou implícita à literatura dominante, oficial, consagrada, acadêmica, e mesmo clássica. A que assim quer, ou assim é querida. (SARAIVA, 1980, p.5).

Ora, se a literatura marginal é um movimento vindo da periferia, onde esses sujeitos podem usar da arte como instrumento de engajamento político, denunciando as mazelas em que o periférico⁵ vive, nada mais correto do que entender o seu conceito a partir da própria definição de seus sujeitos: “Literatura marginal é aquela feita por marginais mesmo, até por cara que já roubou, aqueles que derivam de partes da sociedade que não têm espaço.” (FERRÉZ, 2014).

O conceito acima citado é de Reginaldo Ferreira da Silva, conhecido como Ferréz, que estreou na cena literária com o livro *Capão Pecado* (FERRÉZ, 2000), na verdade, o seu segundo livro, mas o primeiro a ser publicado por uma editora. Até então, Ferréz trabalhava com literatura, mas de forma independente. E a obra em questão, como o próprio título sugere, faz um retrato de um dos bairros periféricos de maior índice de criminalidade em São Paulo, o Capão Redondo.

³ Veja, neste sentido, o exemplo da COOPERIFA, em São Paulo, que reúne uma quantidade expressiva de poetas e leitores de poesia.

⁴ Texto também extraído do blog da autora, mas sem data específica. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/> Acesso em: 14/09/2014.

⁵ Preferimos usar o adjetivo *periférico* substantivado, porque acreditamos que o termo mais encontrado “cidadão periférico” não seria o melhor usado, visto que a palavra *cidadão* sugere aquele que tem acesso às conquistas de um projeto democrático, o que não é o caso de um sujeito que vive na periferia.

Outro exemplo bem pontual é o de Sérgio Vaz, mais um dos grandes nomes no cenário literário marginal, tendo sido criado dentro da Cooperifa⁶, um espaço estabelecido para difundir escritores, e suas obras, das periferias das cidades.

É interessante notar que, na literatura marginal, tanto a obra, como o autor representa o cenário periférico. E, assim, mais exemplos foram surgindo. Outros escritores, que vivem nas periferias de São Paulo, passaram a dar voz às suas marginalidades, para além do espaço periférico. Para Mariana Santos de Assis:

Hoje também falaremos de literatura, porém abordaremos outro tipo de marginalidade, a literatura produzida e amplamente difundida nas periferias de São Paulo, a despeito do descaso das grandes mídias, do pouco ou nenhum reconhecimento das instituições escolares e acadêmicas e da indiferença da crítica, a periferia segue fazendo arte e agora brinca com a sagrada arte da palavra, as belas letras. A literatura tem sido mais um combustível para as lutas da periferia por seu espaço no centro (SANTOS DE ASSIS, no prelo).

As discussões que envolvem a literatura marginal muitas vezes caem na questão estética da obra. O que seria considerado um texto literário? É preciso pensar na estética do texto para enquadrá-lo, moldá-lo dentro de um movimento? Discussões que, muitas vezes, partem dos centros hegemônicos de poder e de seus cânones consagrados. Além de rotular os movimentos que surgem fora do centro, justificando que são apenas expressões artísticas, mas não literatura, esses discursos hegemônicos servem-se de seus mecanismos de poder, o centrismo, na tentativa de silenciar essas vozes que hoje buscam o seu espaço no cenário literário.

Neste sentido, para Saraiva, o uso do sintagma “literatura marginal *izada*” pode servir para textos literários em que há menos estruturação estética, justamente porque este movimento não visa apenas a criação poética em si, como também o seu modo de produção, distribuição, circulação e consumo (SARAIVA, 1980).

Afinal, para quem escreve o escritor marginal? Se pensarmos que, para além da periferia existe o seu espaço periférico, pode-se indagar que o escritor marginal tem a periferia como o seu primeiro lócus de circulação e, a fim de que ele tenha leitores e cumpra o seu papel engajado, é preciso, muitas vezes, descartar estruturas vindas dos cânones literários, que nada tem relação com a situação específica para que sua literatura possa ser lida.

⁶ “A Cooperifa, Cooperativa cultural da Periferia, nos arredores do Capão Redondo, São Paulo, foi criada há 7 anos por Sérgio Vaz. Desde então Sérgio promove os hoje famosos saraus da Cooperifa onde já foram lançados mais de quarenta livros de poetas e escritores da periferia, além de dezenas de discos. Esses saraus acontecem todas as quartas feiras no bar Zé do Batidão e congrega uma média de 500 pessoas por semana para ouvir e dizer poesia.” (BUARQUE DE HOLLANDA, 2014, p.5).

Pode o *marginal* falar?

É neste cenário de agitação cultural que o escritor Ademiro Alves de Sousa, conhecido como Sacolinha⁷, inicia sua trajetória literária.

Sacolinha é um dos nomes conhecidos da literatura marginal de São Paulo, ainda que com menos visibilidade. Lembrando as antigas ações desencadeadas pela poesia marginal da década de 1970, o escritor iniciou seus trabalhos divulgando suas obras de forma independente pelas ruas da cidade, como em avenidas movimentadas, na porta de bares ou em teatros. Dessas divulgações, teve contato com outros artistas que também escreviam e publicavam de forma independente. E, de escritor, também se tornou agitador cultural, participando de projetos, tais como a Cooperifa, as antologias de escritores marginais, alguns eventos literários e publicações de suas obras dentro do mercado editorial.

Em muitos de seus textos, como no conto “Yakissoba”, Sacolinha discute sobre a dificuldade em ser escritor marginal. Partindo de uma perspectiva bastante lúcida e realista, Sacolinha é um escritor que questiona o acesso à literatura e à visibilidade enquanto artista, trazendo suas lutas diárias para escrever, publicar e vender suas obras de forma independente. No conto citado, conta-se em primeira pessoa uma noite em que o narrador passou pelas ruas de São Paulo, tentando vender seus livros para conseguir comer um “Yakissoba” (SACOLINHA, 2006).

Numa perspectiva que beira o existencialismo, Sacolinha discute sobre o homem periférico e os vazios da vida, preenchidos apenas pelas inúmeras violências e as negações de oportunidades. O que é a vida para esses sujeitos? A partir deste questionamento, o autor caminha sobre temas variados, retratando atores que têm apenas em comum o desejo de ser o que não se é, aquele que tem acessos às oportunidades.

São essas situações que nos permitem questionar não apenas o papel do autor marginal, mas também como pode o escritor falar sobre seus questionamentos, levando seus textos para além dos espaços periféricos.

⁷ Ademiro Alves de Sousa, conhecido como Sacolinha, é um dos destaques da literatura marginal contemporânea. Autor de dois livros: “Graduado em Marginalidade” e “85 letras e um disparo”, participou, ainda, de diversas publicações: revista “Caros Amigos”, antologia “No limite da palavra” da editora Scortecci, antologias “Cadernos Negros”, entre outras. É também fundador da *Associação Cultural Literatura no Brasil* e responsável pela *Coordenadoria Literária* da Secretaria de Cultura do município de Suzano, em São Paulo, onde vive.

Gayatri Spivak, em seu ensaio *Pode o subalterno falar?* traz o olhar sobre os subalternos, ou seja, aqueles que não estão nos espaços hegemônicos de poder, nos grandes centros globais, e que vivem às margens, a partir de um circuito marcado por uma série de violências e falta de acessos, colocando-os como *outro* (SPIVAK, 2010).

A partir da perspectiva dos estudos culturais, a ensaísta indiana faz uma crítica pontual aos estudos sobre as desigualdades, que têm, como cânones, sujeitos que falam dos centros hegemônicos, a exemplo de Michael Foucault. Spivak entende o subalterno enquanto sujeito paciente frente aos desenvolvimentos globais e os projetos imperialistas, mas, ao mesmo tempo, aponta a necessidade de que esse mesmo sujeito, estando fora dos centros de poder, possa vir a falar, trazendo os seus questionamentos, reflexões e ações, compreendendo seus conflitos.

O subalterno está, em verdade, dentro de um processo dialético, pois, ao mesmo tempo em que é passivo frente aos blocos hegemônicos, deve ser ativo em suas resistências. Como, então, resistir, ou melhor, como falar quando sua voz é constantemente silenciada? Segundo Spivak, “no outro lado da divisão internacional do trabalho do capital socializado, dentro e fora do circuito da violência epistêmica da lei e educação imperialistas, (...) pode o subalterno falar?” (SPIVAK, 2010, p.85).

A partir deste questionamento, trataremos a literatura marginal e o autor em estudo. Se, em Spivak, o subalterno, aquém das perspectivas hegemônicas de desenvolvimento global, não pode falar, poderia, então, o nosso escritor marginal brasileiro falar?

Para tentarmos compreender não apenas a subalternidade da literatura marginal, mas suas ações de resistência, analisaremos o conto do escritor Sacolinha, “O aluno que só queria cabular uma aula”.

O subalterno que queria muito mais

No ano de 2005, enquanto vendia seus livros pelas ruas de São Paulo, Sacolinha iniciou a escrita de seu segundo livro *85 letras e um disparo*, finalizada no ano seguinte. Nele, o escritor reuniu contos sobre a vivência na periferia de São Paulo, mais especificamente em Suzano, local onde vive, e as dificuldades existentes para esses sujeitos. Dentre os contos do livro, chamamos atenção, aqui, para o texto “O aluno que só queria cabular uma aula”.

Narrada em terceira pessoa, a história tem, curiosamente, um narrador menos neutro, que, mesmo não sendo um participante do enredo, possui certa interferência na narrativa, contribuindo para a compreensão das angústias do personagem principal. Neste caso, seria como se narrador e personagem sentissem as mesmas coisas e fossem uma espécie de desdobramento especular de um único agente.

A história de Tedy, um garoto de 13 anos, que fugiu da aula de matemática, traz dois espaços de conflito em seu enredo: o público (a escola) e o privado (a casa). Ao longo da narrativa, o leitor compreende que sua fuga não é apenas pela aula de matemática em si, mas por todos os problemas que, naquele contexto específico, se instauravam. Visto que, ao mesmo tempo em que a escola representava o espaço do conflito imediato, não havia outro lugar em que este personagem pudesse se libertar dos problemas que o envolviam, percebe-se na efabulação que não há espaços seguros para um menino de 13 anos, morador da periferia.

No decorrer da história, a fuga de Tedy gera muito mais do que uma confusão na escola. Não conseguindo fugir, o personagem sobe no telhado da instituição e lá permanece, enquanto todos, tanto os da instituição escolar, como os membros de sua família, tentavam resolver o problema. É por esse motivo que, ao longo da narrativa, o leitor pode perceber que os espaços público e privado se homogeneizam, representando todas as violências simbólicas e concretas que o personagem vivencia.

Mas é preciso aqui fazer um parêntese sobre o protagonista desta história. É preciso vê-lo dentro de um quadro hegemônico de poder; entendê-lo como um sujeito do terceiro mundo, o *outro* mundo; aquele que está fora do centro. Tedy representa a criança que não tem acesso à educação de qualidade, aquela que está à margem das oportunidades, do desenvolvimento e, por que não dizer, à margem da própria história?

O conto retrata um menino que não tem afinidade com o espaço escolar. Neste sentido, Tedy é um personagem que, assim como tantas crianças brasileiras, sente-se obrigado a estar na escola, mas que não gostaria de estar nela. E por que essa negação por um local que deveria despertar o prazer, a curiosidade e os desejos por um futuro mais esperançoso?

Ora, Gayatri Spivak também discute sobre o espaço escolar e as diferenças entre a educação formal, e seus conteúdos, com a realidade dos subalternos. Como exemplo da violência epistêmica a partir de um projeto de lei, Spivak debate sobre a reformulação da educação para os sujeitos coloniais na Índia: “A educação dos sujeitos

coloniais complementa sua produção dentro da lei. Uma consequência de se estabelecer uma versão do sistema britânico foi o desenvolvimento de uma separação incômoda entre a formação disciplinar em estudos sânscritos e a tradição nativa – agora, alternativa – da “alta cultura” sânscrita.” (SPIVAK, 2010, p.53).

Se um dos mecanismos do colonialismo europeu foi o processo de apagamento das identidades nativas em prol da sua política hegemônica e o de silenciamento das raízes identitárias dos povos colonizados para que fosse estabelecido, realmente, um processo colonial, não podemos deixar de pensar aqui na própria colonização portuguesa no Brasil e no extermínio das comunidades indígenas e quilombolas, além do processo de apagamento de suas identidades, fenômeno ainda percebido, mesmo que de maneira escamoteada, nos dias atuais.

A reestruturação da educação na Índia tem similaridades com a educação básica brasileira. Nas últimas décadas, vemos um maior acesso de brasileiros à educação pública, mas em piores condições. E, enquanto os resquícios do colonialismo britânico propõem o apagamento das identidades indianas, por meio dos currículos oficiais, o Brasil tem na divisão de classes as respostas para a crise da educação.

Os jovens que hoje estudam em escolas públicas brasileiras, principalmente em regiões periféricas, estão cada vez mais distantes do espaço escolar pela estrutura da base curricular, o espaço físico das escolas, o despreparo das gestões e o descaso do poder público perante os problemas que fazem parte do dia a dia escolar. A escola pública do século XXI nada tem a ver com o conhecimento de mundo desses jovens.

É necessário aqui pontuar que as mudanças para uma maior integração do jovem e de sua comunidade na escola já foram e são discutidas em diversos espaços, e muitas propostas são feitas. Entretanto, a estrutura escolar não muda pela existência de um projeto político que tem no cenário interno, a desigualdade, e no internacional, o imperialismo, as respostas para que esses conflitos continuem propagados.

Para István Mészáros, por exemplo, esse contexto pernicioso faz parte do jogo de relações do próprio sistema que não compactua com grandes transformações educacionais para as margens: “A razão para o fracasso de todos os esforços anteriores, e que se destinavam a instituir grandes mudanças na sociedade por meio de reformas educacionais lúcidas, reconciliadas com o ponto de vista do capital, consistia - e ainda consiste – no fato de as determinações fundamentais do sistema do capital serem *irreformáveis*.” (MÉSZÁROS, 2005, p.26-27).

Assim como as políticas neocoloniais na Índia imperam sobre o ambiente escolar, desencorajando muito jovens subalternos ao acesso à educação, existe um projeto político imperialista no Brasil para que os jovens subalternos brasileiros, aqueles que compõem as regiões periféricas do país, não tenham oportunidades, garantindo, assim, a mão de obra barata e desqualificada que constrói o desenvolvimento do país.

E se a escola não é o espaço de interação, aprendizado e conhecimento, para Tedy, protagonista do conto de Sacolinha, ela é como uma prisão. É aquela que o obriga a fazer o que ele não deseja. Por estar ali obrigado, o personagem tem problemas tanto com os outros colegas, como com os funcionários (professor e diretor), além do próprio ensino, em seu processo de aprendizagem.

Configurando-se, portanto, como uma criança subalterna, Tedy convive de forma passiva com seus sofrimentos. E, se ele é passivo, os agentes, neste caso, são os sujeitos que fazem parte deste contexto social, ou seja, que também são subalternos.

No decorrer da trama, o leitor percebe que há diversos conflitos no espaço escolar. O mais desenvolvido na narrativa é a relação *professor-aluno*, posto que a professora de Tedy, segundo o narrador, constitui uma figura opressora para o menino. Além de autoritária, é preconceituosa e usa desses mecanismos e de sua figura de poder para humilhar o garoto.

Como Tedy traz muitas dificuldades “no seu lento aprendizado”, percebe-se que essa relação, para ele, além de opressora, o deixa ainda mais carente, pois não tem na figura do professor aquela que poderia ser a chave para o seu próprio desenvolvimento como sujeito. Como bem pontua o narrador: “A próxima aula depois do intervalo seria dela, e Tedy, não querendo passar por tudo que passava com ela, resolveu fugir da aula, já que não podia ficar fora da sala e muito menos ir embora antes de bater o sinal do meio-dia. Um suplício para ele que só queria uma atenção da professora no seu lento aprendizado.” (SACOLINHA, 2006, p.24).

Dentro do espaço escolar dos sujeitos subalternos, percebem-se *hierarquias de subalternidades*. Tedy, portanto, vive uma dupla subalternidade: subalterno pela sua condição social periférica, além da submissão no espaço escolar, como vítima das ações de outros sujeitos. Mas se o espaço público representa um lócus de hostilidade, o privado também não traz a segurança que o subalterno deseja. Em meio à história da fuga da aula de matemática, o narrador dá voz aos pensamentos do protagonista, em

que, enquanto tenta fugir da escola, começa a refletir sobre as consequências desta fuga. E seus pensamentos chegam à sua casa.

Para o sujeito subalterno, portanto, não há locais seguros. Carente de condições mínimas de vida, o ambiente doméstico muitas vezes representa um local que também é reflexo desses conflitos. Dados da Secretaria dos Direitos Humanos trazem que cerca de 70% dos casos de violência contra crianças e adolescentes no Brasil acontece em residências, seja da vítima ou do agressor. Uma possível explicação, segundo a coordenadora do Crami (Centro Regional de atenção aos maus-tratos na infância) Lígia Caravieri, a sociedade brasileira é conivente com uma educação baseada na violência⁸.

Seria possível, porém, pensar em uma situação pacífica em ambientes de conflitos sociais tão complexos? Como construir uma educação baseada em preceitos humanista, por exemplo, nesses ambientes? Neste sentido, o conto de Sacolinha traz mais um personagem criado a partir de uma realidade brasileira, para ilustrar os problemas cotidianos de muitas crianças brasileiras.

Ainda no início da trama, no momento em que o diretor diz que chamará a polícia, pela fuga do menino, Tedy reflete: “Não. Tudo menos a polícia. Ela vindo, vem os vizinhos, os curiosos e os pais de Tedy. A mãe ainda perdoaria, mas e o pai? Iria mesmo acabar com ele naquele dia, de tanto cabo de vassoura e fivela de cinto no lombo. E tudo isso depois de beber no bar da esquina, como fazia todas as vezes em que ia bater nele.” (SACOLINHA, 2006, p.23)

Neste pequeno trecho, já podemos traçar, minimamente, o retrato da vida familiar do personagem. Uma mãe distante do filho, mas que, ainda sim, é conivente com os conflitos do menino, e um pai ainda mais distante, ausente tanto física como afetivamente, e que usa de sua hierarquia dentro da estrutura familiar (provavelmente, o provedor da casa) para violentar os que lá estão. Por isso, Tedy sempre se refere ao pai pelo medo. Interessante observar que se trata de um retrato familiar que, infelizmente, não está apenas na esfera literária. Sacolinha traz os dois contextos em que uma criança vive (a escola e a casa) para discutir a tragédia da subalternidade da criança brasileira.

Desta forma, podemos considerar que Tedy é um personagem que vive não apenas uma dupla subalternidade, mas sim múltiplas, posto que, em todos os seus lugares de convívio, ele sempre estará abaixo de uma hierarquia estabelecida, onde os

⁸ Dados retirados da matéria “Violência doméstica: 70% das crianças vítimas sofrem as agressões em casa.” Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/11/violencia-domestica-70-das-criancas-vitimas-sofrem-as-agressoes-em-casa.htm> Acesso em: 14/09/2014.

status são conquistados e mantidos de forma violenta. Afinal, sobreviver nesses espaços é como resistir à violência, pela própria violência. O subalterno, então, pode ser colocado em hierarquias e, no caso de Tedy, sua condição (sendo apenas uma criança) o impossibilita de qualquer mobilidade, visto que é o mais marginalizado em ambos os espaços.

O subalterno que não pôde querer

Estas reflexões partiram de um questionamento sobre a literatura marginal, indagando se pode o escritor *marginal* falar? Remetendo-nos ao texto de Gayatri Spivak, a autora chega à conclusão de que o subalterno, realmente, parece não poder falar. Dentro das prioridades da globalização, não há nenhuma possibilidade que esses sujeitos tenham voz. Como discutimos, seu silêncio é necessário e faz parte de um projeto imperialista.

O silenciamento do sujeito subalterno reflete-se no fim da trama criada por Sacolinha. A lucidez do escritor mostrou-se, inclusive, no desfecho da narrativa. Mas, antes de discutirmos este desfecho, poderíamos aqui fazer mais algumas reflexões, como um resumo de tudo o que discutimos sobre os conflitos de Tedy.

O personagem, um garoto de 13 anos, que vive em um bairro periférico e que vivencia suas subalternidades em seus espaços sociais: a escola e a casa. E, diante desta situação específica, fazemos o seguinte questionamento: Qual seria um final possível para a fuga de Tedy da aula de matemática?

Assim como os subalternos de Spivak não podem falar, Tedy também não pôde. E, do alto do telhado, olhando toda a multidão de subalternos embaixo, prontos para mais um espetáculo trágico da vida humana, Tedy se lembrou de um escritor conhecido: “Lembrou de um escritor do seu bairro que tinha dado uma palestra na escola. Queria usar as palavras dele e dizer que aquela professora não presta, e o diretor é como se fosse um carcereiro de um presídio perigoso. Queria dizer que a merenda é ruim, e que são tratados ali apenas como números.” (SACOLINHA, 2006, p.25).

O personagem queria falar. Assim, entendemos que o subalterno quer mostrar sua voz. E, do alto do prédio, Tedy compreendia não apenas o contexto em que vivia, mas a sua própria subalternidade. O menino de apenas 13 anos entendia que não havia saída, e que ninguém ouviria o que ele teria a dizer: “Tedy tinha tudo isso na cabeça, mas não era como o escritor e não conseguiu formar sequer uma frase para começar o seu discurso revolucionário.” (SACOLINHA, 2006, p.25).

Convencendo-se de sua subalternidade, com consciência, Tedy resolve, então, construir a sua própria ação de resistência. E, de forma trágica, mas alegre: “Uma alegria tomou conta de Tedy; tipo alegria depois de empinar pipa a tarde toda, entrar em casa, sentar na frente da Tv com algum colega, e comer pão com manteiga acompanhado de um café bem doce, enquanto a sua mãe dá uma bronca porque ele não lavou as mãos.” (SACOLINHA, 2006, p.25).

Em apenas um ato, toda a sua amargura sumiria; um ato para que Tedy pudesse conquistar sua verdadeira liberdade frente às suas prisões: “E só dependia dele, ou ser humilhado ou ter as pessoas chorando em cima de si”. (SACOLINHA, 2006, p.26).

Mesmo em sua consciência subalterna, o que Tedy não contava é que apenas sua mãe choraria em cima de seu pobre corpo caído ao chão, finalizando a trágica história do menino que decide, pela morte, alcançar a liberdade da vida.

Ainda que, para o personagem de Sacolinha, o fim não apenas justifique os meios, como reproduz um mundo de impossibilidades para uma criança brasileira habitante das periferias das grandes metrópoles, existe outra consciência que se transmite a partir desta trágica história social: a consciência da literatura marginal e de seu escritor.

Assim como a mulher intelectual, em Spivak, que, mesmo subalterna, tem uma tarefa árdua, sem floreios, para reverter a situação em que se encontra, Sacolinha traz a sua contribuição para a sociedade brasileira do século XXI, enquanto artista, ilustrando não apenas um retrato social, mas também trazendo ações efetivas de denuncia e de luta, pela literatura marginal, para que seus subalternos possam, um dia, serem ouvidos. Desta forma, percebemos que nem todos os marginais estão calados. E sua voz, pela força da escrita literária, pode ser lida e ouvida.

Referências

ALMEIDA ABREU, Maurício. *A Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2013.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. *A política do Hip Hop nas favelas brasileiras*. Revista Alter/nativas. Centro de estudos culturais latino-americanos. Vol.2 Ohio: Ohio State University, 2014.

_____. *A poesia marginal*. Artigo eletrônico disponível em:
<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-poesia-marginal/> Acesso em:
14/09/2014.

_____. *Literatura marginal*. Artigo eletrônico disponível em:
<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/> Acesso em:
14/09/2014.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Objetiva, 2000.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Trad.: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

SACOLINHA. *85 Letras e um Disparo*. São Paulo: Global, 2006.

SANTOS DE ASSIS, Mariana. *A poesia das ruas, nas ruas e estantes: eventos de letramento e multiletramentos nos saraus literários da periferia de São Paulo*. Tese de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (no prelo).

SARAIVA, Arnaldo. *Literatura marginalizada*. Novos ensaios. Porto: Edições Árvore, 1980, p. 5-7.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad.: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.